

O FAZER SOCIOLOGICO NA REFLEXÃO DE FLORESTAN FERNANDES

Lucia Lodo¹

Resumo

Uma questão interna que norteia o pensamento social brasileiro. A análise servirá como ponte para se pensar o pensamento social brasileiro e o fazer sociológico.

Palavras-chave: fazer sociológico, consciência social, pensamento social brasileiro.

Introdução

(Re)ativar a vontade e a capacidade de exercer a interrogação sociológica, exercitar a análise, a responsabilidade, a imaginação, implicam o fazer sociológico, isto é, o intuito de permitir à sociologia um saber em transformação que é um construtor da auto consciência crítica da realidade social. Esse saber mutante e reflexivo é dinâmico, contemporâneo e sensível à tradição e dá legitimidade ao fazer sociológico, pois cada geração reconhece sua temporalidade e nela demarca suas diferenças com as ansiedades da geração anterior, havendo, porém, uma compreensão sociológica das transformações em curso, em que os velhos problemas não descartam os novos ideais. Ambos caminham juntos como questões inacabadas.

O fazer sociológico se encontra presente na reflexão de Florestan Fernandes, assim, ele procura estabelecer um plano de condicionamento social do conhecimento sociológico. O presente estudo se aterá a uma pesquisa sobre o fazer sociológico, a partir da obra de Florestan Fernandes. Será trabalhado o debate sobre o papel do sociólogo no processo de mudança social no país. Portanto, será construído um quadro histórico-social e cultural no qual está colocado em um dado momento, a discussão sobre a necessidade de a sociologia responder à questão da sociedade brasileira. Esse debate versará sobre o modo do sociólogo preencher sua função dentro de uma estruturação social ímpar em vista das especificidades da história social nacional.

A discussão versará sobre a peculiar história do país, ou seja, as preocupações teóricas metodológicas serão buscadas nas particularidades da sociedade brasileira. Por isso se lançará mão das reflexões construídas no pensamento social brasileiro. No epígrafe do livro *Fundamentos Empíricos da Explicação Sociológica* (1967), Florestan Fernandes, esclarece o seguinte: “Em uma ciência imatura, como a sociologia, a reflexão metodológica é muito, mas necessária, porque é o único meio de defendê-la dos desvios que a incitam, continuamente, que provenham outros campos.” (Fernandes, 1976, p.57)

¹ Graduada em Ciências Sociais pela UEL - Universidade Estadual de Londrina, Brasil. (repfelafem@yahoo.com.br)

Observa-se assim, em Florestan Fernandes uma trajetória, uma obstinação, por um quadro conceitual rigoroso que fundamente a sociologia no Brasil. Dessa maneira, há uma construção de um âmbito da sociologia frente a outros campos. (ARRUDA, 1997, p.41). O debate travado por Florestan Fernandes aponta não somente para as distinções no modo de conceber o desenvolvimento da reflexão sociológica no Brasil, mas, sobretudo, para as disputas entre as concepções que constroem a hegemonia de orientações. (Arruda, 1997, p.46).

Para Florestan, a ciência é tomada como um valor (...) dedica grande atenção a questões teórico-metodológicas e ético-políticas. Pensa que a realidade social pode ser explicada e que à pesquisa científica sistemática e rigorosa, cabe produzir essa explicação. Um tal conhecimento, porém, não deve esgotar-se na própria produção; deve ser produzido, por um lado, para o progresso da ciência e, por outro, para ser aplicado. O que orienta a sua compreensão da ciência, assim, é a unidade entre a teoria e prática, à qual ele vincula a escolha dos objetos de investigação. (Cardoso, 1996, p.92)

A realidade brasileira deve ser trabalhada, investigada com conceitos e técnicas que, sendo científicos são universais. Tal fenômeno leva o sociólogo à pretensão de compreender *por opção e convicção*, a diversidade sócio-cultural da nação, contribuindo para o conhecimento e visão da realidade, num esforço contínuo do desvendamento dos espaços sociais, materiais e simbólicos mesmo conscientes de que faz parte do seu ofício reconhecer o caráter complexo, ambíguo e inesgotável do social.

A partir de 1930 a sociologia brasileira vai tomando corpo. E o fazer sociológico passa a ser amplamente discutido. Verifica-se, assim, uma modalidade singular de interpretação nos primeiros teóricos. Daí a necessidade de um processo de reconstrução histórica das primeiras interpretações que visavam entender a realidade brasileira.

A multiplicidade de questões a cerca do papel do sociólogo no Brasil vão ser pautadas pela sociedade em mudança. Cabe assim à análise sociológica revelar a relação do sociólogo com a sociedade. Onde ele atue com o seu trabalho intelectual, pela sua formação profissional, na coletividade, percebendo as especificidades que envolvem cada sociedade. Logo, para Fernandes, o sociólogo para exercer o ofício necessita de responsabilidade e de imaginação que permitam pensar a sociologia como um saber de transformação. Saber este que é reflexivo, porque atualiza as novas e velhas indagações.

A tradução dos processos sociais na sua complexidade se concretiza nas diversas dimensões, por uma formulação única que congrega as análises mais distintas que se veiculam intimamente ao tratamento dado à questão das diferenças. A sociologia não se apresenta na forma de modelos, respostas mecânicas e fixas, mas no sentido de contribuir para o conhecimento e a compreensão da realidade social. Para tanto, o sociólogo se põe ao “ofício” do reconhecimento das várias facetas que englobam o social.

Portanto, pretende-se realizar uma releitura acerca do *fazer sociológico* de Florestan Fernandes. Uma questão que norteia todo o pensamento social brasileiro, na qual a ampla e contínua leitura e análise de Florestan Fernandes servirão como ponte para debruçar sobre a história do pensamento social brasileiro e sobre os debates do fazer sociológico, isso constitui um desafio que exige um entendimento dotado de responsabilidade com a sociologia brasileira e com as condições de formação e de desenvolvimento da profissão de sociólogo.

A sociologia de Florestan Fernandes (...) é, ao mesmo tempo, uma forma de consciência social da sociedade brasileira, como também o é a obra dos outros integrantes da “escola sociológica de São Paulo”. Nesse sentido, é uma sociologia mediada pela concepção de que toda sociologia, deve ser, ao mesmo tempo, uma sociologia do conhecimento. Como observou Ianni: ‘Em Florestan Fernandes o pensamento é pensado o tempo todo’. As suas contribuições históricas e teóricas estão permeadas pela reflexão e pela crítica sobre as relações entre o pensamento e o pensado. (Martins, 1998, p.15)

Para tanto, ao tratar do fazer sociológico em Florestan Fernandes, é necessário se pensar em uma certa instrumentalização de sua própria sociologia. Sociologia sua, porque dá a caracterização única de uma interpretação e de um comprometimento com a sociedade e com a sociologia no Brasil. Fazendo disso a sociologia instrumento de sua prática, da sua profissão, do seu trabalho e de defesa da própria sociologia enquanto ciência. Entende a ciência na especificidade que lhe é própria, mas ainda na sua relação com a sociedade, da qual é parte, específica, mas parte. O desenvolvimento científico não resulta apenas do movimento de construção interna da própria ciência, mas também de condições histórico-sociais, as quais afetam a institucionalização da pesquisa (Cardoso, 1996, p.92)

Partindo disto, o sociólogo e a sociologia vão ser a porta de entrada para as possíveis indagações, a fim de superar o patamar de uma sociologia profissional ressentida, em busca de uma sociologia na qual o sociólogo com a formação profissional participa e põe o trabalho intelectual dele, como e enquanto sociólogos, em interação com as expectativas e as preocupações da coletividade. Mas, para isso, é indispensável certo amadurecimento intelectual que tenha a capacidade de reagir com o mínimo de energia intelectual.

A "ética da responsabilidade científica" em Florestan Fernandes é entendida como a necessidade de extrair conseqüências práticas das pesquisas sociológicas. Em *A sociologia numa era de revolução social*, ele expõe com clareza a necessidade de combinação dos papéis de cientista e de cidadão:

A conexão de sentido, que nos compelia a ver nossos papéis na sociedade brasileira, à luz da responsabilidade intelectual ativa, crítica e militante (...) todo sociólogo digno desse nome deve saber ajustar-se à situação e, em conseqüência, sua capacidade de contribuir para o conhecimento sociológico de uma realidade tão imperativa. (Fernandes, 1976, p.34)

O autor em questão reconhece que as concepções de mundo agem sobre o horizonte intelectual do pesquisador, influenciam a escolha do objeto de investigação e se fazem presentes na utilização dos resultados. Entretanto, acreditava que nada disto deveria afetar o compromisso com o conhecimento científico. A pesquisa empírico-indutiva deveria ser resguardada de objetivos externos e garantida por padrões científicos de caráter universal. Assim, se mostra um ajustamento entre a mente humana do sociólogo e o seu horizonte cultural, de modo que o mesmo não descarte as contribuições das outras disciplinas. Ao contrário, o cientista social deve incorporá-las e com elas estabelecer um diálogo. Ainda mais, partindo de uma realidade histórico-social que detém na sua herança, um antigo país colonial marcado por uma escravidão, que pede um apoio-auxílio da história e, sobretudo, da antropologia.

É por estas “marcas” do passado que a sociologia brasileira se impõe num plano enraizado, apoiado pela criatividade teórica e pela própria pesquisa metodológica, distinta da *sociologia colonizada*. Uma sociologia que se dedica a temas importados como “estranhos” perante a própria realidade social. Uma sociologia oposta àquela que Florestan Fernandes propunha. A sociologia pode revelar os (des)caminhos históricos inerentes a cada situação social e a cada situação de classe, essenciais para orientar racionalmente a ação social e política. Porém, a sociologia não se separa da sociedade, assim, segundo Fernandes, a sociedade não se separa da consciência social; “só vê sociologicamente quem quer algo socialmente” (FERNANDES, 1976, p.61). Desse modo, a concepção de mudança vai ocorrer em torno do eixo que compreende a ação transformadora como uma idéia de intervenção para a superação dos entraves representados pela herança colonial.

Portanto, é neste (breve) sentido que vai ser construído uma proposta para se refletir hoje, o fazer sociológico. As condições de atuação para este fazer, que se dá ao ofício de sociólogo contemporâneo, circunscrito dentro de uma realidade cada vez mais propulsora para a máquina famigerada do capitalismo, em que engloba sentidos, valores, ações distintas e contraditórias dentro de uma realidade, no mínimo, desafiadora para o sociólogo. Já que este possui todo um aparato simbólico, teórico e metodológico para se pensar e se fazer sociologia no Brasil. Porém, tendo em vista uma sociedade em que seus valores e idéias se transfiguram com o passar dos minutos, onde o novo já está sendo reciclado e o clássico estruturado como eterno. Assim, a realidade desafia, mais do que nunca, o sociólogo, pois ele está imerso nesse mar de complexidade, cabendo assim a explicação sociológica desvendar e construir um valor de responsabilidade para o momento, e para essa situação histórica, política, econômica e principalmente, social, que é ímpar e que se depara com ela continua e reiteradamente.

A sensibilidade sociológica: a inquietação

Ao analisar as ações do sociólogo faz-se necessário rastrear as dualidades que norteiam o agir e o fazer sociológico. Assim, o regional e global. A dupla preocupação que o sociólogo está imerso, a de estudioso da sociedade e a de indivíduo que está mergulhado num mundo histórico, onde existe a procura por uma identidade que já fora perdida, é o grande desafio que o cientista social enfrenta hoje. O sociólogo é um indivíduo um agente de transformação que age tanto sobre o contexto social quanto sobre si mesmo. Ao tentar explicar a sociedade brasileira, como sociólogo (Fernandes, 1978, p.50), o cientista social é desafiado por múltiplas questões que exige do intelectual a compreensão das singularidades históricas e culturais do país.

A agitação do mundo é uma agitação que gira em torno do debate sociológico (Fernandes, 1978, p.59). Assim, as múltiplas dimensões do papel do sociólogo na sociedade brasileira contornam um indivíduo, que é o sociólogo voltado para uma coletividade nacional, desenvolvendo interrogações que questionam as inquietações mais fundas, ou seja, as que mobilizam, por excelência, a condição de sociólogo: a inquietação (Cohn, 2001, p.41). Uma sensibilidade que, segundo Karl Mannheim, deve acompanhar o intelectual em que

vive sob ameaça de perder a liberdade. O cientista social necessita de uma sensibilidade, de uma criatividade para por em andamento o processo de transfiguração. Algo como a “imaginação sociológica” de Wright Mills², e que depois seria ratificado por Florestan Fernandes. Ele diz “basta enxergar a imaginação sociológica” (Fernandes, 1978, p.11).

O artesanato intelectual pressupõe a integração na atividade científica das dimensões humanas excluídas pelo saber burocrático: a intuição, a imaginação, um profundo e vital comprometimento com o tempo presente e uma ousadia capaz de impulsar a criatividade nas tentativas de compreender cientificamente o mundo social dos homens (Lazarte, 1996, p. 59). O saber sociológico, como, alias, qualquer saber humano, pressupõe não determinismos necessários e invencíveis, mas sim, certos condicionamentos sociais, certos questionamentos que possam romper com os preconceitos e explicar à sociedade brasileira suas raízes que fundam na vida social, política e cultural.

Esta suposta idéia de “desassossego” por parte do sociólogo, ilumina um caminho no qual ele se vê desafiado por uma formação teórica e geral. O sociólogo pode correr o risco de ficar centrado numa *formação científica rigorosa* (Fernandes, 1978, p.21) e de perpetuar uma ausência de sensibilidade capaz de agir sociologicamente. Para tanto, a sociologia deve ser produzida em vista da preocupação não só com a investigação empírica e com a construção teórica, mas também em vista de um enfrentamento com os problemas que são coletivos e sociais, quando desmistificados, levam a um enfrentamento dos dilemas nacionais.

Um tipo análise que é sensível a realidade brasileira, já que a preocupação em conhecer e em fazer conhecer a realidade do país, faz projetar a sociologia. Assim como fez Florestan Fernandes que combinou a produção que se dirigia, ao mesmo tempo, para a discussão teórico-metodológico, com vistas a atingir um quadro conceitual seguro ao trabalho de investigação voltado para o conhecimento da sociedade brasileira. Florestan Fernandes combina o caráter afirmativo de suas análises, fundamentadas em rigor metodológico e sólida construção teórica, com os questionamentos constante do ofício do sociólogo. Esta sensibilidade sociológica; esta inquietação é um traço questionador que permite flexibilidade ao olhar sociológico, requisito indispensável a uma ciência cujo objeto é por ele mesmo mutante. Entretanto, esta “juvenildade” não é característica do fazer sociológico, mas uma condição que define este fazer como atividade em permanente processo em construção, já que acompanha o dinamismo da realidade social e requer uma vigilância constante para que a construção teórica não se desloque do objeto.

A resistência sociológica

O sociólogo está tão imerso na sociedade quanto qualquer outro indivíduo. Porém, ao passo que o sociólogo problematiza as questões de ordem cotidiana, ou melhor, de ordem prática, através de uma perspectiva científica, ele dispõe de elementos para dar uma função à sociologia. (Fernandes, 1967, p.148)

² “A imaginação sociológica capacita seu possuidor a compreender o cenário histórico amplo, em termos de seu significado para a vida íntima e para a carreira exterior de numerosos indivíduos (...) é deixar claro os elementos da inquietação e da indiferença contemporâneas. É a exigência central que lhe fazem outros trabalhadores culturais.” (MILLS, 1972, p. 11 e 20).

Assim, o sociólogo não vai trabalhar apenas com problemas sociais, mas vai transformar problemas sociais em objeto de estudo, ou seja, vai estudar, nos vários fenômenos, os sistemas de relações sociais através de uma perspectiva de análise sociológica. Ao questionar problemas práticos, conseqüentemente, vão existir ou não resistências à explicação científica.

Ao passar-se ao terreno da aplicação as resistências assumem maior violência, por entrarem diretamente em jogos mudanças fundadas em técnicas racionais de controle. Mesmo que o sociólogo revele propósitos conformistas e tolerantes, sua forma de argumentar e o estilo de intervenção na realidade que ele recomenda acabam sofrendo alguma sorte de oposição etnocêntrica. (Fernandes, 1967, p.148)

Pensar em comparações é sempre sedutor e, às vezes, pouco produtivo, geralmente mostra-se estimulante, mas pouco rigoroso, outras vezes pode esclarecer, mas pode ser aproximações forçadas. Nestes tempos de primazia metodológica da diversidade, comparar é sempre um ato temerário e interessante quando não estéril, visto que o pouco que se revela no cotejar talvez não valha o pecado dos exageros aproximativos. (Bariani, 2003)

Mas, se a aproximação, mesmo que breve, for guiada por nexos insuspeitos que se fundam na peculiaridade na história social brasileira, pode ser interessante, na medida em que ilumina uma característica singular da formação nacional.

Assim, o que Florestan Fernandes está indicando ao sociólogo é uma persistência por algo transfigurados, não muito distante daquilo que Euclides da Cunha demarcaria como sendo uma característica específica do sertanejo, “seres sociais dotados de características que se faziam necessárias para implementar qualquer processo de mudança social no Brasil” (Rezende, 2001, p.211). Tanto o sociólogo de Florestan Fernandes, quanto o sertanejo “rebelde” de Euclides da Cunha, demarcou um processo de resistência a uma determinada ordem social vigente. “Estar disposto a resguardar firmemente, as condições de liberdade e de independência” (Fernandes, 1967, p.148), não é muito distante da realidade euclidiana acerca dos sertanejos de Canudos. Para Euclides da Cunha, eles estavam no germe do processo de transformação social. O processo de resistência para mantê-la elucidavam os elementos definidores daquela manifestação coletiva que permaneceu ao longo de sua duração incompreensível aos homens do litoral, aos cientistas e aos governantes. A luta cotidiana do sertanejo que criou a vila de Canudos tinha múltiplos fundamentos (...) (Rezende, 2001, p.212)

Euclides da Cunha concebia o sertanejo “rebelde” (sempre circunscrito por um sistema biossociogeográfico, típico do seu evolucionismo sociológico) como portador de uma resistência capaz de produzir uma evolução voltada para as singularidades e as necessidades brasileira. (Rezende, 2003, p.270). Portanto, Euclides da Cunha, implicitamente, faz uma recusa também daquilo que mais tarde (mais especificamente nos anos 500), seria denominado como sociologia importada. “Possuíam condições de construir ações voltadas para um progresso fundado nas singularidades do país (...) A evolução no sentido de um vir a ser genuinamente nacional estava, então nas mãos daqueles indivíduos que guardavam em sua essência uma cultura de resistência às intromissões estrangeiras” (Rezende, 2003, p. 271).

Sociologia importada esta, que Fernandes mencionava como uma espécie de sintoma de dependência cultural, e a partir deste indicio, lutou para ter uma “sociologia como afirmação” no Brasil. Ele defendia um

corpo teórico rigoroso e universalmente aceito, defendia também a formação e a viabilização de um modo de fazer pesquisa que construísse um conhecimento sociológico eficaz e um arsenal teórico próprio que lhe valeu o estigma de “eclético”, mas que era simplesmente original, ao seu modo. Em *A Sociologia no Brasil* (1977), Florestan Fernandes classifica *Os Sertões* como pensamento sociológico que pode ser facilmente considerado como uma técnica de consciência e explicação do mundo, não distante da postura que cabe ao ofício de sociólogo. Postura esta, que está fundamentalmente relacionada à resistência exercida pelo cientista, pois o sociólogo vai se deparar diariamente com a realidade que é mutável e inconstante. O saber social, e todo esse processo³ que é um tipo de reconstrução de um fazer, propriamente sociológico, reúne esforços para elaborar uma explicação da sociedade brasileira que sugere as suas possíveis transformações. Porém, esse conhecimento nunca é definitivo. Assim, a cada reflexão produzida, recomeça-se uma outra, que pode suplantar o esforço dos anteriores sem o realizar, justapondo-se aos antigos numa reelaboração contínua e desconexa, que sucede sem integrar, que encerra sem definir, que sintetiza sem superar.

Assim, é um projeto, uma ação deslocadora para o futuro na qual o indivíduo se realiza por inteiro. É um trabalho em seu sentido profundo – não alienado, único, singular. Traz em si a idéia de incompletude, isto é, a próxima reflexão tem o poder/dever de acrescentar, criticar, renovar. Mais ainda, é resultado de um “demônio interior”, que deve ser periodicamente alimentado. Não pode ser mensurado, ser visto a partir da quantificação das ações ou por ser mecânica aplicabilidade. Não deve ser confundido com a comercialização das idéias, com a burocratização do pensamento. Não pode ser prisioneiro da institucionalização das demandas de mercados, das fontes de financiamento ou dos prazos, pois, na maior parte das vezes, isto constrange a construção do objeto de pesquisa, que deve ser definido a partir de um amadurecimento das questões. (Bastos, 2002, p. 210)

Conclusão

A temática aqui escolhida para o desenvolvimento “deste” é, integralmente, polêmica, já que indaga severamente, a partir da concepção de Florestan Fernandes, sobre o papel do sociólogo no processo de transformações sociais em curso. Em contrapartida, este trabalho fez emergir um exercício acadêmico, o qual exigiu o ato de “debruçar” sobre um tema que norteia as mais amplas atitudes do sociólogo, que são difíceis e desafiadoras. Toda essa discussão pode levar a um desafio que não foi, nem ao menos, citado ao longo deste texto: a coerência .

A coerência que faz uma ligação recíproca entre pensamento e ação. Ou seja, a harmonia entre o que se produz e o que se pratica. Ao longo desse exercício, o olhar de estranhamento se transformou num forte aliado, pois, ao passo que se construía um esqueleto teórico, as inquietações aumentavam, posto que se trata de um *outro* que está sendo analisado. Assim, se fez necessário pensar em minha própria prática para uma suposta verificação das práticas sociológicas. Um desafio

³ “Procedimento que carrega consigo uma qualidade artesanal. Dessa característica resulta, de um lado, de um artefato construído pedaço por pedaço, e de outro, ser uma construção referida à totalidade” (BASTOS, 2002, p. 212)

que se encontra alojado no bojo das inquietações objetivas e subjetivas. Uma tarefa dúbia, a qual norteia todo um ambiente particular, extremamente parcial e repleto de valores e relações pessoais. O exercício da atitude do sociólogo está repleto de “paixões” que não podem ser consumidas no processo de abstração, porque a cotidianidade não estará apenas no âmbito das palavras. O fazer sociológico se compõe tanto no agir, quanto no pensar. A “auto-crítica constante” de Florestan Fernandes deve ser constantemente incorporada para que haja o mínimo dessa dada coerência entre o agir e o pensar.

A escolha pela reflexão de Florestan Fernandes teve o intuito de se guiar a partir do pensamento social brasileiro e pela sociologia enquanto ciência que luta pelo reconhecimento profissional do sociólogo no Brasil. O fato de ser pautado pelo pensamento sócio-cultural brasileiro implica reconhecimento de outros autores que também trataram da temática, como é o caso de Costa Pinto e de Guerreiro Ramos. Não os descartando, mais sim, demonstrando a suas respectivas importâncias.

O fazer sociológico é um tipo de esforço intelectual e político. Impressiona que este esforço deve ser perseguido e desenvolvido constantemente pelo sociólogo. Isto é, de forma criativa e original, de modo a produzir uma grande significação teórica na sociologia. Para tanto, é necessário ter em mente que as explicações dadas pelos clássicos são fundamentais. Mas, se aplicada diretamente à sociedade brasileira, perde esse significado. Florestan Fernandes vai percorrer um caminho fundado na criatividade e na originalidade, indo além do puro ecletismo que tanto o acusam (é como se esse ecletismo fosse um critério para uma desclassificação). Ele vai retomando conceitos universais, criticando e adaptando os mesmo a realidade brasileira. Florestan Fernandes, estabelecia que ao sociólogo cabia um papel crítico e inovador perante a sociedade, marcado pela responsabilidade social e voltado para diagnosticar saídas. Papel crítico porque o conhecimento sociológico lança bases para novas atitudes. O mapeamento acerca do objetivo da realidade social brasileira seria capaz de tentar vencer as resistências, provocando assim, novas atitudes nos grupos sociais, nos indivíduos.

Uma espécie de taquigrafia social, isto é, uma forma de se tornar visíveis “sinais” tido como convencionais, e que norteiam a formação social nacional. Sinais convencionais estes que podem estar no fato de ter a presença de elementos arcaicos e modernos (relação entre os opostos) na realidade social brasileira. Ressalta, portanto, a importância da história, juntamente, com as peculiaridades da formação social. E o instrumento taquigráfico se apresenta na forma de uma imaginação sociológica. O diagnóstico do sociólogo brasileiro tentará revelar a realidade social a partir de um conhecimento crítico capaz de produzir mudanças neste processo. Um desafio constante pela recriação da vida social. O fazer sociológico se encontra, portanto, em um campo em que o raciocínio vai se confrontar com as incertezas e com as intenções deliberadas para travar a

mudança. Assim, o sociólogo que tiver dimensão de artista, ou seja, paciência e sensibilidade de artista tentará ultrapassar os obstáculos que minam as possibilidades de mudança.

Possibilidades humanas ainda ocultas; e por essa razão devemos perfurar as muralhas do óbvio e do evidente, da moda ideológica do dia cuja trivialidade é tomada como prova de seu sentido. Demolir tais muralhas é vocação tanto do sociólogo quanto do poeta, e pela mesma razão: o emparedamento das possibilidades desvirtua o potencial humano ao mesmo tempo em que obstrui a revelação do seu blefe. (Bauman, 2001, p.232)

Referências

- ARRUDA, Maria Arminda do Nascimento. (1997). Metrópole e cultura. *Tempo Social; Rev. Sociol. USP*, São Paulo, 9 (2): 39-52.
- BASTOS, Elide Rugai. (2002). Ciências Sociais e trabalho intelectual. *Tempo Social. Ver. Sociol. USP*, São Paulo, 14(2).
- BAUMAN, Zygmunt . (2001). *Modernidade Líquida*. Rio de Janeiro. Editora Jorge Zahar.
- CARDOSO, Miriam Limoeiro. (1996). Florestan Fernandes: a criação de uma problemática. *Revista Estudos Avançados. IEA/USP*. São Paulo, nº 26.
- COHN, Gabriel. (2001). Dos riscos que se corre nas ciências sociais. *Tempo Social; Ver. Sociol. USP*, São Paulo, 13(1): 39-47.
- FERNANDES, Florestan. (1967). *Fundamentos empíricos da explicação sociológica*. São Paulo: Cia. Ed. Nacional.
- _____, Florestan. (1976). *Sociologia numa era de revolução social*. Rio de Janeiro: Zahar, 1976.
- _____, Florestan. (1977). *A sociologia no Brasil; contribuição para o estudo de sua formação e desenvolvimento*. Petrópolis: Vozes.
- FERNANDES, Florestan. (1978). *A condição de sociólogo*. São Paulo: Hucitec.
- LAZARTE, Rolando. _____, (1980). *A natureza sociológica da sociologia*. São Paulo: Ática.
- MANNHEIM, Karl. (1982). *Sociologia*. São Paulo: Ática.
- MARTINS, Jose de Souza. (1998). *Florestan :Sociologia e Consciência Social no Brasil*. São Paulo: EDUSP.
- MILLS, C.Wright. (1972). *Imaginação sociológica*. São Paulo: Zahar.
- REZENDE, Maria José de Rezende. (2003). Silvio Romero, Euclides da Cunha, Manoel Bomfim e o Evolucionismo Sociológico. *Cadernos CERU*, São Paulo, série2, nº14.
- REZENDE, Maria José de. (2001). Os Sertões e os (dês)caminhos da mudança social no Brasil. *Tempo Social; Ver. Sociol. USP*, São Paulo, 13(2):201-226.